

FESTIVAL DE AVENTURA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Marcilio Xavier de Melo^{1, *}

(¹UFRN, Rua Tereza Nunes, Lagoa do Mato, Monte Alegre, RN, 59.182-000, Brasil;

^{*}profmarciliomelo@hotmail.com)

RESUMO

O presente estudo, de natureza qualitativa, tem como objetivo descrever um relato de experiência obtido na aplicação de um festival de aventura na educação física no ensino fundamental II de uma escola pública, situada na região metropolitana de Natal/RN, no ano de 2024. O interesse em desenvolver este relato se deu mediante meu desejo pessoal em propiciar novas experiências aos alunos desta escola e o fato destes conteúdos ainda serem pouco abordados no ambiente escolar, se comparado aos esportes mais tradicionais. A experiência me permitiu compreender a relevância destas práticas na escola, pois vislumbram diversos benefícios. Entretanto, para a sua inserção na escola, existem alguns dilemas, que demandam do professor um planejamento dinâmico e criativo. Por fim, conclui que o festival de aventura é uma metodologia assertiva para introduzir diferentes práticas corporais de aventura no ensino fundamental II, possibilitando aos alunos a descoberta de novas experiências na educação física escolar.

Palavras-chave: educação física; ensino fundamental II; práticas corporais de aventura.

INTRODUÇÃO

A educação física enquanto componente curricular na Educação Básica surge como uma possibilidade de ensino para propiciar relações com a cultura corporal de movimento, que inclui compreender e vivenciar as práticas inerentes nesta cultura. Neste âmbito, constituem-se diferentes práticas corporais que podem ser exploradas na escola durante todo o percurso na Educação Básica.

A BNCC (2018), considera que neste contexto a educação física tem como campos de estudo o que o documento denomina como unidades temáticas, descrevendo-as em jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e as práticas corporais de aventura. O documento explora que cabe à educação física incluir estes conteúdos na Educação Básica, ofertando experiências diversificadas, estimulando o desenvolvimento da criatividade, autonomia, dentre outros aspectos.

Percebe-se, neste panorama, que existe um amplo campo de possibilidades de práticas corporais a serem abordadas na educação física escolar, entretanto, baseado nos estudos de Tahara et al. (2018) e Kawashima e Moreira (2020), existe uma problemática no ensino da educação física na escola, que é a repetição dos conteúdos abordados por toda a Educação Básica, se agravando no ensino fundamental, com a pouca diversificação destes conteúdos e a ênfase nos esportes mais convencionais e nas práticas tradicionais.

Neste interim, encontrei nas práticas corporais de aventura uma oportunidade de inovar nas aulas de educação física no ensino fundamental II, possibilitando a aquisição de uma nova experiência aos alunos além das práticas mais tradicionais. Neste sentido, empreendi este estudo objetivando apresentar um relato da experiência apreciado durante o período compreendido entre os dias 13 a 21 de março de 2024, nas aulas de educação física no ensino fundamental II, com duas turmas, 6º e 8º anos, da Escola Municipal Santa Luzia, localizada na comunidade de Lagoa do Mato, município de Monte Alegre/RN. O relato de experiência se fundamentou mediante uma análise empírica da participação dos alunos na aplicação de um festival de aventura, que contou com a experimentação das seguintes práticas

corporais de aventura: esporte orientação, slackline, rapel, parkour, paintball, paraquedismo, skate, patins, mountain bike, cicloturismo e trilha ecológica.

Inácio (2014, p. 533), denomina tais práticas como tendo por finalidade a aventura e o risco, caracterizadas por seu alto valor pedagógico que podem auxiliar no resgate de valores como solidariedade e cooperação. O autor continua seu discurso enfatizando que essas práticas normalmente são realizadas em espaços com pouco interferência humana e distante dos centros urbanos, e classifica-as em práticas corporais de aventura na terra, água e/ou ar, considerando o ambiente onde estas são realizadas. Pereira et al. (2020) afirma que estes conteúdos estão em ascensão no Brasil, e dentre os fatores que contribuem para este cenário citam a busca pelo contato com a natureza e a popularização de esportes olímpicos como o skate e o surf.

O interesse em desenvolver um trabalho com as práticas corporais de aventura surgiu mediante meu desejo pessoal de propiciar novas experiências aos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Santa Luzia, sobretudo levando em consideração minha experiência enquanto aluno e estagiário nesta escola, onde pude presenciar uma educação física essencialmente tradicional e marcada pelo desinvestimento pedagógico dos professores, e as contribuições do Mestrado Profissional em Rede Nacional – PROEF/UFRN na minha carreira profissional, estimulando na construção de ideias que enalteçam a educação física escolar. Além disso, por estas práticas representarem em minha experiência profissional um sentido de ineditismo, tendo em vista que em minha formação inicial (graduação), entre os anos de 2014 a 2017, estes conteúdos não faziam parte da grade curricular do meu curso.

METODOLOGIA

De cunho qualitativo, este estudo caracteriza-se como um relato de experiência adquirido mediante a observação participante sob o planejamento pedagógico e a participação dos alunos na aplicação de um festival de aventura.

Segundo Cavalcanti e Lima (2012), o relato de experiência é um instrumento que permite uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações acerca de uma prática vivenciada no âmbito profissional, que proporcione informação relevante para comunidade científica. Para a elaboração do relato de experiência, utilizei a observação participante, que segundo Becker 1994 considera o pesquisador participando diretamente na coleta de dados, observando o comportamento dos pesquisados empiricamente. Compreendo que esta técnica de coleta de dados empíricos dentro de uma pesquisa qualitativa possibilita um contato mais próximo e direto com o ambiente e o público pesquisado, permitindo adquirir conhecimentos que somente esta proximidade, mediante olhar aguçado do professor, pode proporcionar.

No que concerne à natureza qualitativa, Minayo (1994), discorre que corresponde a uma condição que não pode ser quantificada, voltando-se ao universos de significados, valores, motivos, e outros, conduzindo a resposta de questões muito particulares. Neste sentido, minha experiências valorizaram o contato direto com o ambiente e a proximidade com os participantes pesquisados, tendo o ambiente e os alunos como fonte direta de dados e a observação participantes como instrumento fundamental.

A respeito da aplicação do festival de aventura, este foi sistematizado seguindo os seguintes protocolos, sequencialmente: organização da proposta de aplicação do festival de aventura, apresentação do projeto a direção e coordenação da escola, apresentação do festival de aventura aos alunos, reunião online com os pais/responsáveis e assinatura do documento de liberação para os alunos participarem do festival. Cumpridos estes processos, foi realizada a aplicação do festival de aventura, tendo a conclusão do estudo evidenciada por meio dos dados obtidos e analisados na experiência das práticas corporais de aventura no festival.

O grupo investigado na experiência foi composto pelos alunos do 6º ano e 8º ano do turno vespertino do ensino fundamental II da Escola Municipal Santa Luzia, no qual atuo profissionalmente com vínculo efetivo no cargo de professor de educação física. O grupo participante foi composto por 38 alunos, distribuídos entre as duas turmas supramencionadas. A escolha das turmas se deu pela atenção aos seguintes critérios: turmas heterogêneas, bem distribuídas em número de meninas e meninos, e que tivessem alunos frequentes e assíduos nas aulas, entretanto, que de igual modo aceitassem, pela maioria da turma, participar do festival. Não obstante, os alunos precisaram da liberação dos pais, mediante assinatura de documento enviado pelos alunos interessados, descrevendo o projeto e solicitando a liberação. Não participaram da pesquisa os alunos que os pais/responsáveis não concordaram com a assinatura do documento enviado; os alunos com frequência inferior a 75% nas aulas de educação física, ou que durante as vivências demonstraram desejo de desistir da participação.

A aplicação do festival de aventura foi organizado em 3 encontros, com duas aulas híbridas cada, no contra turno escolar (turno matutino), com a presença dos alunos de ambas as turmas participantes da experiência. Como espaços para as vivências, utilizei os entornos da escola, especificadamente a praça, que se localiza em frente à escola, e em algumas práticas, as trilhas e espaços naturais disponíveis no município. Metodologicamente as atividades foram compostas por estações, no qual irei especificar cada uma delas a seguir.

As estações de cada encontro corresponderam a um circuito que contou com diferentes práticas corporais de aventura, onde os alunos, acompanhados do professor, seguiram vivenciando cada experiência. A escolha das práticas de cada encontro levou em consideração a proximidade de relações entre as vivências, concernente principalmente ao espaço e materiais utilizados, evitando desgaste na preparação da aula e deslocamento entre uma vivência e outra.

Todos os encontros seguiram a mesma sequência metodológica, antes de iniciar o circuito de vivências, foi feita uma abordagem conceitual das práticas que seriam experimentadas, refletindo a respeito dos conhecimentos prévios dos alunos sobre as práticas em questão, tratando sobre o contexto geral das práticas corporais de aventura e a respeito da origem de cada uma das práticas a serem executadas, materiais e espaços utilizados e como adapta-los, e a gestão de risco para evitar potenciais perigos, para em seguida, os alunos experimentarem as vivências, concluindo com uma roda de conversa refletindo sobre as percepções dos alunos durante o encontro. A seguir serão descritos os procedimentos de cada encontro, após este primeiro momento.

No primeiro encontro, foram ofertadas as práticas de esporte orientação, rapel e slackline, seguindo esta ordem. Na vivência do esporte orientação, a aula foi iniciada formando grupos de 8 integrantes entre os alunos, para que estes participassem de uma atividade de um labirinto, onde os alunos seguraram um labirinto feito de isopor, cada qual apoiado por uma corda, onde o objetivo era fazer com que uma biloca percorresse o labirinto chegando até o local de saída, no menor tempo possível. Em seguida, tendo espalhado bandeiras pela praça em momento anterior, sem a presença dos alunos, nos mesmos grupos, os alunos teriam que correr neste ambiente e encontrar as bandeiras, dentro de um período de 2 minutos, visando encontrar o maior número de bandeiras possíveis.

Por fim, os alunos foram orientados a usar a bússola, desenvolver a contagem do passo duplo e a fazer a leitura de uma mapa, finalizando com uma vivência de esporte orientação na praça, nos mesmos grupos, utilizando bússola, o passo duplo e um mapa da praça, produzido anteriormente pelo professor. Para as vivências do rapel e slackline, utilizei as árvores disponíveis na praça e os materiais que tinha adquirido, como cordas, mosquetão e o próprio equipamento do slackline (uma fita de 15 metros com 50mm de largura).

No segundo encontro, as atividades vivenciadas foram o paintball, parkour, skate, patins e paraquedismo, seguindo esta sequência. Na vivência do paintball, utilizei bolinhas de

piscina de bolas, onde realizei duas vivências, uma turma de cada vez. Os alunos se espalharam pela praça, utilizando os bancos, árvores e demais espaços para se protegerem, e teriam que queimar o colega com a bolinha. Cada aluno recebeu 2 bolas, e poderiam pegar as que estivessem no chão; aqueles que fossem queimados não saiam da atividade, mas ficavam de mãos dadas com aquele que o queimou, até concluir a atividade, formando correntes entre os alunos de mãos dadas.

Na experiência do parkour, utilizei as estruturas da dependência da praça, como bancos, muros e outros espaços disponíveis que serviram de obstáculos para os movimentos desta prática. Na vivência do skate e patins, consegui estes equipamentos com os próprios alunos da escola, e utilizei a pista de asfalto que fica entre a escola e a praça, para que os alunos experimentassem estas práticas. No paraquedismo, utilizei um paraquedas de treinos de corrida para que os alunos tivessem uma experiência próxima da vivência real, onde estes realizaram corridas contra o vento que proporcionou uma sensação próxima ao real.

Por fim, no último encontro, foram apreciadas as práticas de cicloturismo, mountain bike e a trilha ecológica; estas atividades foram realizadas em um único percurso, e para isso, foi necessário a utilização de bicicletas pelos alunos. O percurso partiu da escola, seguindo para um açude da comunidade e neste decurso, passamos por alguns pontos importantes da comunidade, fazendo paradas e refletindo sobre os espaços. Em um determinado caminho do percurso, vivenciamos aspectos do mountain bike, em uma estrada irregular, com longas descidas e subidas. No caminho do passeio, paramos em um ponto estratégico onde deixamos as bicicletas e realizamos uma trilha que nos conduziu até o açude.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No princípio da aplicação do festival de aventura, iniciei o primeiro encontro solicitando aos alunos que conheci as práticas corporais de aventura para levantarem uma das mãos, e em um universo de 38 alunos, apenas 7 levantaram a mão, e destes, apenas 4 conseguiram relacionar algo ao conceito destas práticas. Este cenário possibilitou entender que quase totalidade dos alunos não tiveram contato com as práticas corporais de aventura anteriormente, o que estabelece a estas vivências um sentido de novidade e ineditismo para os alunos.

Se debruçando neste contexto com os alunos, identifiquei que este panorama estava associado ao fato dos alunos não terem sido assegurados do direito à Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, em sua maioria, e mediante as aulas essencialmente voltadas as práticas dos esportes convencionais, em especial o futsal, e o ensino tradicional, durante as aulas de Educação física no Ensino Fundamental II da referida escola, cenário este comprovado também mediante minha experiência enquanto aluno e estagiário nesta instituição de ensino. Ao passo que fui apresentando as práticas corporais de aventura conceitualmente, percebi que os alunos estavam atentos as informações, inclusive fazendo perguntas sobre algumas práticas e já associando algumas vivências a este conteúdo.

No panorama em questão, poucos alunos detinham conhecimentos sobre estas práticas, despontando-as como novas experiências para os alunos, e nesta perspectiva, atuando na expansão dos conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento, para além dos conteúdos normalmente abordados na educação física escolar, que tendem a privilegiar os esportes tradicionais e os métodos de ensino centrados no aperfeiçoamento técnico.

Iniciar as vivências do festival de aventura com o esporte orientação por meio de atividades lúdicas despontou como assertivo, uma vez que me preocupei em não causar uma impressão negativa nos alunos logo na primeira experiência, e utilizando atividades lúdicas que não demandarão muitos materiais e conhecimentos técnicos, proporcionou diversão e interação. Nas atividades lúdicas que introduziram o esporte orientação no festival, percebi o

envolvimento de totalidade da turma, sem nenhuma objeção. Entretanto, a euforia tomou conta dos alunos, e embora as atividades tenham sido realizadas em grupos, faltou um pouco de comunicação entre os estudantes.

Nas vivências do esporte orientação, houve muita movimentação e correria na praça. Na corrida desorientada, os alunos comentaram que foi um pouco difícil encontrar as bandeiras pois estavam muito espalhadas e eles não tinham noção de onde encontrá-las. Nesta oportunidade inclui a orientação da bússola e a leitura de mapas, junto a contagem do passo duplo, explicando a relevância destes instrumentos e técnicas nesta vivência. Nesta orientação, diante da disponibilidade de poucas bússolas, tive que formar grupos e entregar bússolas as equipes. Esse momento demandou muito tempo, pois os alunos tiveram algumas dificuldades no manuseio da bússola. Neste contexto, considero o que destaca Carmona et al., (2013), que o uso da bússola, dependendo da idade dos alunos, pode tornar a prática mais complexa, e por este motivo, os autores dispõem que pode-se executar esta atividade apenas com uso do mapa.



Atividades do esporte orientação.

A atividade do esporte orientação demandou mais tempo, ocupando maior parte do primeiro encontro. Nas demais atividades do rapel e do slackline, os alunos temeram cair ou se machucar, sensação de medo que é natural nas práticas corporais de aventura. No entanto, quando os primeiros alunos iniciaram a participação, os demais foram demonstrando interesse em vivenciar, embora mesmo assim, alguns alunos tenham optado por não participar. Os alunos comentaram sobre o medo das cordas e do slackline arrebentarem, da cadeirinha não suportar o peso ou machucar.

A emoção da vivência do rapel era no momento da descida com velocidade, controlado pelo professor. No entanto, percebi uma dificuldade nos alunos neste momento, pois a árvore não oferecia muito apoio aos alunos. Além disso, maioria dos equipamentos utilizados no rapel, apresentei aos alunos por meio de imagens, pois não os tinha fisicamente nem consegui com algum praticante da modalidade. Durante a vivência do slackline, foi-se exigido dos alunos muito equilíbrio, o que necessitou do meu acompanhamento auxiliando os alunos como apoio, e mesmo com uma corda estendida sobre o slackline, os alunos ainda solicitavam meu acompanhamento lateralmente. A atividade demandou muita atenção por parte dos alunos, onde inferi que nesta atividade se proporciona o desenvolvimento da concentração e consciência corporal dos alunos.

Diante das observações da participação dos alunos nas práticas do primeiro encontro, notei que o medo de alguns para práticas as atividades de aventura condicionavam a uma insegurança e criava no imaginário destes bloqueios que os limitavam a desenvolver as tarefas de aventura. Com as medidas de segurança e essa percepção diante das primeiras participações dos alunos, os demais, que demonstravam medo, passavam a demonstrar interesse. Esse é um processo de conquista da confiança dos alunos, e requer estratégias de motivação.



Vivências do rapel e slackline.

Nas vivências do segundo encontro, foram oportunidades de descobertas para os alunos, pois em sua grande maioria, foi a primeira experiência nestas práticas. Uma dificuldade nas vivências do paraquedismo, skate e patins, no qual utilizei a via pública, foi o controle do tráfego de carros, o cuidado teve que ser dobrado para lidar com este fluxo e no controle dos alunos. Embora o fluxo de carros fosse pequeno, como solução para isto, solicitei ajuda da coordenação da escola e delimitamos o espaço com fitas e cones.

Com relação aos materiais utilizados neste segundo encontro, o skate e o patins foram obtidos com dois ex alunos da escola. No paintball, adaptei a vivência com a utilização de bolinhas de piscina e no parkour, foram utilizados os bancos, canteiros, muros e outros espaços propícios da praça. Com relação ao paraquedismo, considero esta vivência um pouco mais distante da realidade escolar, pois demanda um equipamento mais sofisticado e um modo de se praticar mais arriscado, entretanto, a ideia de se trabalhar as práticas corporais de aventura na escola é criar possibilidades para que os alunos tenham acesso as experiências dessas práticas, e neste contexto, utilizei um paraquedas de treino de futebol, para que as alunos sentissem a emoção desta modalidade, realizando corridas contra o vento perpassando uma sensação de voo, característico do paraquedismo, e neste ensejo, fiz considerações sobre a vivência real desta práticas e seus equipamentos e técnicas de segurança.



Vivências do parkour, paraquedismo, skate e patins.

Finalizando o festival de aventura, a perspectiva foi explorar os ambientes naturais da comunidade onde se encontra a escola deste relato de experiência, por meio das práticas corporais de aventura do mountain bike, cicloturismo e trilha ecológica. Nesta oportunidade os alunos tiveram um contato mais direto e íntimo com a natureza; traçamos um percurso que nos conduziu por pontos estratégicos do bairro, marcado por regiões arborizadas e com açudes e lagoas.

Foi uma experiência incrível de fechamento do festival, pois causou grande movimento e interação entre os alunos. Nesta oportunidade, tive como dificuldade o fato de alguns alunos não terem bicicletas, e como solução, fiz um movimento junto a coordenação da escola para conseguirmos bicicletas para estes alunos, com os demais alunos da própria escola e no bairro, possibilitando a participação de todos. Como o percurso era um pouco distante (5km, ida e volta), e o terreno, em algumas partes, ser um pouco irregular, tracei

como estratégia dividir as turmas em 3 grupos, cada qual composta entre 10 e 14 alunos, para facilitar o controle. Para isso, realizei o passeio em três momentos durante o último dia de festival.

Durante o percurso, fizemos algumas paradas para apreciar o ambiente. A proposta desta atividade foi iniciar proporcionando aos alunos a experiência do cicloturismo, visitando pontos estratégicos do bairro a causando reflexões sobre estes ambientes; em seguida, conduzi-los a uma estrada um pouco mais irregular, para experimentarem aspectos do mountain bike, finalizando na volta, com uma pequena trilha traçado em uma mata que fica na região onde percorremos de bicicleta.



Vivências do mountain bike, cicloturismo e trilha ecológica.

Para alguns alunos, o percurso se tornou cansativo, e para isso, fazia constantes paradas para hidratação e descanso. Entretanto, mesmo diante do cansaço, era perceptível a animação dos alunos e a apreciação deles frente a natureza. A trilha foi bem especial, pois nenhum dos alunos a conhecia, foi uma descoberta que os fez ficarem bastante atentos a cada detalhe. Essas assertividades destas vivências foi assegurando quando no final do percurso os alunos pediram para marcar mais passeios semelhantes, inclusive indicando outros percursos.

Em suma, houve grande participação dos alunos nas atividades nos três encontros, o envolvimento foi nítido. Claro que inicialmente surgiram algumas dúvidas e medo por parte de alguns alunos, que foram superados. No último encontro, pude perceber a aprovação do festival por parte dos alunos, que destacaram as práticas como inovadoras, desafiantes e divertidas.

CONCLUSÃO

O relato de experiência me permitiu concluir como assertivo a inserção das práticas corporais de aventura por meio de um festival nas aulas de educação física no ensino fundamental II, uma vez que este método apresentou uma diversidade de vivências de aventura aos alunos, de modo lúdico e interativo, proporcionando diversão e descobertas que despertaram a curiosidade e interesse dos alunos em experimentar as vivências.

Além disso, as vivências de aventura oferecidas no festival despertaram diversos benefícios, como a superação do medo e dos limites corporais e da mente, desafiar e superar imprevisibilidades nos ambientes natural e urbano, ampliação da capacidade na tomada de decisão sob pressão, da concentração e das capacidades físicas como força, equilíbrio, velocidade e resistência, saber lidar com desafios e supera-los, além de proporcionar conexão com a natureza, tendo um olhar crítico sobre os problemas ambientes e conduzindo a ações que reflitam sobre o equilíbrio entre ações antropológicas e conservação do meio ambiente.

Entretanto, este relato de experiência propiciou compreender que desenvolver estas práticas no ambiente escolar das escolas públicas apresenta algumas limitações, como os riscos que as atividades podem proporcionar, a falta de materiais e espaços adequados e as dificuldades de se realizar tais práticas dentro do ambiente da escola.

O trato com as práticas corporais de aventura na escola pode ainda ser um desafio pelo pouco conhecimento técnico que muitos professores detêm sobre suas modalidades, ou ainda, como no meu caso, pela não experiência com estes conteúdos na educação básica e na formação acadêmica, ou enquanto lazer, o que demanda estudo, pesquisa e planejamento para sua aplicação na escola. O pouco conhecimento técnico do professor frente a estas práticas pode trazer insegurança para estes no trato destas práticas na escola. No entanto, a experiência deste estudo me permitiu entender que as modalidades podem ser adaptadas de forma simples para que os alunos vivenciem sensações destas práticas, que não necessariamente sejam as práticas tal como são, em sua essência e com os materiais e espaços naturais.

Todavia, tais dilemas podem tornar difícil a inserção das práticas corporais de aventura na escola, mas não impossível, uma vez que uma adequada gestão de risco das vivências e a adaptação dos materiais e espaços podem suprimir estas demandas. Além do mais, os ambientes no entorno das escolas também podem ser utilizados como possibilidades.

Este panorama demanda por parte do professor uma motivação pedagógica, culminando em um planejamento estratégico e criativo frente a diferentes dilemas que permeiam boa parte da educação pública brasileira. Esse processo de criatividade consiste em um olhar diferente para o espaço escolar, vislumbrando possibilidades de aventura nos espaços disponíveis, refletindo sobre como pode-se utilizar a sala de aula, o pátio, o entorno da escola, por exemplo, para vivências de aventura, e como os materiais disponíveis podem ser adaptados para estes fins, ou se na falta deles, como albergar alternativas que substituam essa ausência.

Além dessas considerações, destaco que a utilização de jogos adaptados e atividades lúdicas envolvendo aspectos das práticas corporais de aventura nas aulas de educação física no ensino fundamental II, como forma de estratégia metodológica para apresentação destes conteúdos, viabilizam sua aplicabilidade e o elemento lúdico abordado nestes casos proporcionam diversão e interação entre os alunos, o que pode possibilitar o alcance do interesse dos alunos por estas práticas.

Por fim, a experiência deste estudo me possibilitou ainda concluir que as práticas corporais de aventura, por se diferenciarem dos esportes tradicionais, surgem como vivências inovadoras na educação física escolar. Sua aplicabilidade não necessita, em sua grande maioria, de treinamentos prévios intensivos e de busca exacerbada pela beleza técnica.

As experiências neste campo da cultura corporal de movimento contemplam sensações de pura aventura diante das incertezas do ambiente e no contato com o risco controlado, e na escola, pode contemplar o elemento lúdico, que junto aos citados anteriormente, podem atrair a atenção dos alunos e culminar no seu maior interesse e envolvimento dos alunos nas aulas.

Em suma, diante de todo o contexto exposto anteriormente, entendo que mesmo diante das problemáticas que surgem frente a inserção das práticas corporais de aventura na escola, torna-se relevante e de valor inestimável a presença destas práticas no ambiente escolar, a fim de ampliar o leque de oportunidade corporais dos alunos, e na obtenção dos benefícios advindos destas vivências.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2018.

CARMONA, E. K. et al. O esporte de orientação: possibilidades e perspectivas. **Educação Física em Revista - EFR**, Brasília, v. 7, n. 3, p.19-27, 2013.

CAVALCANTE, B. L. de L.; SILVA DE LIMA, U. T. **Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas**. J Nurs Health, Pelotas (RS) 2012 jan/jun; 1(2):94-103.

Educação Física no Ensino Médio: reflexões e práticas exitosas [e-book]./ Organizadores: Larissa Beraldo Kawashima, Evando Carlos Moreira . Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2020. 183 p.

INÁCIO, H. L. de D. Práticas Corporais de Aventura na Natureza. In: Fernando González; Paulo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3ed.Ijuí: Unijuí, 2014, v. 01, p. 531- 535.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

PEREIRA, D. W.; ROMÃO, S. P.; CAMARGO, A. A. S. A aventura como desafio aos professores de Educação Física. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 36-46, 2020.

TAHARA, A.K.; SOARES, D.C.; DARIDO, S.C. Estado da arte: Práticas corporais de aventura e Educação Física escolar. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v. 6, n. 3, 2018. Disponível em:
<https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/aces/article/view/2978>.